

ROLLERBALL / 1975

(*Os Gladiadores do Século XXI*)

um filme de Norman Jewison

Realização: Norman Jewison / **Argumento:** William Harrison, baseado no conto de sua autoria, "Rollerball Murder" / **Fotografia:** Douglas Slocombe / **Direção Artística:** Robert Laing / **Efeitos Especiais:** Sass Bedig, John Richardson e Joe Fitt / **Guarda-Roupa:** Julie Harris / **Música:** "Corporate Anthem" de André Previn; "Adagio" de Albinoni - Giazott; "Tocata e Fuga em Ré Menor" de Bach; "5ª Sinfonia" de Shostakovitch; "Cantos dos Bosques de Viena" de Johann Strauss / **Montagem:** Antony Gibbs / **Interpretação:** James Caan (Jonathan E), John Houseman (Bartholomew), Ralph Richardson (o bibliotecário), Maud Adams (Ella), John Beck (Moonpie), Moses Gunn (Hetus), Pamela Hensley (Meckie), Barbara Trentham (Daphne), etc..

Produção: Norman Jewison e Patrick Palmer para a United Artists / **Distribuição:** United Artists / **Cópia:** digital, cor, com legendagem eletrônica em português, 125 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 25 de Junho de 1975 / **Estreia em Portugal:** Cinemas S. Jorge e Star, a 21 de Outubro de 1976.

Rollerball possivelmente nunca teria existido se não fosse o êxito de **A Clockwork Orange** de Stanley Kubrick, de que é uma simplificada (e pálida) versão.

Kubrick (sem culpa nenhuma) inspira todas as eventuais "originalidades" da obra. Foi ele quem descobriu no **2001** como funcionava uma banda sonora à base de clássicos. Repetiu e reforçou as doses (cada vez com mais eficácia) na **Laranja Mecânica**, no **Barry Lindon** e no **Shining**. Muitos o seguiram e Jewison foi dos que mais se aproveitou. E aí vão Bach, Albinoni (no "malfadado" "Adagio" que é um dos *fakes* a que o cinema pior tem resistido), Chostakovitch e o Strauss das valsas, tudo sob a batuta insigne de André Previn, que lhe acrescentou uma peça da sua autoria. Que é que isso tudo tem que ver com as imagens? Nada. Mas parece que funciona. Já que no jogo vale tudo, até tirar olhos, na música também vale tudo para enfeitar ouvidos e "fazer surgir o contraste de tanta violência visual com tantos sons sublimes". Se o jogo de 2018 (o inventado *Rollerball*) é uma mistura de hóquei, futebol americano, *roller* e corridas de motos, porque não corresponder a essa mescla, com o equivalente auditivo? E aí vai disto.

O mesmo "vai disto" funciona no aproveitamento dos *décors*, que desde as arenas, os prédios e os diversos apartamentos de Jonathan E, são o eco dos de Kubrick, para sugerirem a mesma desumanidade, a mesma "fealdade" (aqui sem aspas) a mesma agressividade. O que irá culminar, na gratuita sequência em que Ralph Richardson é chamado a uma rábula como *computer librarian*.

E muitos outros exemplos se poderiam dar, desde os *inserts* dos grandes planos, às grandes angulares, desde o *travelling* a partir da lareira para o jantar a três, à "festa satírica" (ou satiricónica), onde o mau gosto tem, certamente, um dos seus triunfos na tela (Kubrick, Fellini e Antonioni combinam-se para a "queima das árvores" na madrugada, afim de que nos entre bem pelos olhos dentro que espécie de mundo é aquele).

E, como desde o princípio, nos é anunciado que o filme se desenvolverá segundo uma “regra de três”, ou seja que assistiremos a três jogos, resta-nos esperar (depois do festival racista de Tóquio) que, chegue - finalmente - a partida final, com a dose de violência em crescendo. E abusa-se afectivamente da nossa paciência, ou do desejo masoquista e *voyeur* de ver mais atletas grelhados nos holocaustos do futuro.

Rollerball baseia-se numa história de William Harrison que parece (nunca a li) ter algumas boas potencialidades de “fc”. Se isso é verdade, são completamente perdidas no filme, onde a anti—utopia (ou a utopia) se volve em absurdo. Porque nem por um momento nos é tornado crível que essa sociedade do Século XXI, que aboliu a pobreza, as doenças e a morte, dê tal pão e tal circo, para satisfazer instintos de agressividade que aparentemente teria ultrapassado.

Estou-me a parecer com um dos cultistas literários de “fc” a demonstrar a inanidade do argumento? Não se trata disso. Vezes sem conta tenho repetido que essa inanidade me é indiferente quando a consistência existe na língua que os filmes falam. Em **Rollerball** nem a esse nível (de *script*) essa consistência existe. E o triunfo final do Homem (Jonathan E - James Caan) é apenas a última inconsistência (moralizante) dum filme que, a pretexto de condenar a violência, nos vai servindo doses cada vez mais fortes dela.

Rollerball faz-me lembrar aquela anedota do homem a quem mandaram à missa. Quando chegou a casa, perguntaram-lhe de que tinha falado o padre na homilia. “Do pecado”. “E que é que ele disse?” “Era contra”. Só que para idêntica demonstração óbvia foram precisas mais de duas horas e muitos milhares de dólares.

Ruidoso, sangrento e chatíssimo, **Rollerball** é também um filme feito sem qualquer espécie de humor. A não ser, involuntário, o que sucede quando Jonathan E é informado que o cérebro de Moonpie deixou de funcionar. Como notou Rosenbaum é a primeira indicação do *script*, “*that it has ever functioned at all*”.

O que se pode dizer também do James Caan (repetindo o seu papel em **The Gambler**) de John Houseman (completamente desaproveitado) e de todos os outros. Sobretudo de Norman Jewison.

Stanley Kubrick, quantos crimes se cometeram em teu nome!

JOÃO BÉNARD DA COSTA

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico